O TRANSLINGUALISMO COMO POLÍTICA LINGUÍSTICA: EM DEFESA DO ESPANHOL COMO LÍNGUA FRANCA[1]

TRANSLANGUAGING AS A LANGUAGE POLICY: IN DEFENSE OF SPANISH AS A LINGUA FRANCA

Camilla Santero Pontesa[2]
[https://orcid.org/0000-0002-4361-6564]
Sávio Siqueira[3]
[https://orcid.org/0000-0003-4187-4997]
DOI: https://doi.org/10.30612/raido.v14i36.11633

RESUMO: Neste trabalho, discutimos a condição do espanhol como língua minoritária nos EUA. Objetivamos apresentar o translingualismo (GARCÍA; OTHEGUY, 2015; GARCÍA, 2014; GARCÍA; SELTZER, 2016, CANAGARAJAH, 2017) como uma política linguística de emancipação da língua espanhola nos EUA, país que, segundo García e Seltzer (op. cit.), é determinante para sustentar o status do espanhol como uma língua franca global. Para tanto, abordamos o conceito de ideologias linguísticas (DEL VALLE, 2007; GARCÍA, 2007), definimos o que entendemos por língua franca, a partir dos estudos desenvolvidos para o inglês (COGO; DEWEY, 2012; SEIDLHOFER, 2011; JENKINS, 2015; UR, 2010) e expomos o espanhol como língua franca (ELF), debruçando-nos na situação da língua espanhola no contexto citado. Por fim, propomos o translingualismo como uma prática que pode levar o espanhol ao lugar que lhe é devido nos EUA e no mundo.

Palavras-chave: Língua espanhola; língua minoritária; translingualismo; língua franca; ideologias linguísticas

ABSTRACT: In this paper, we discuss the condition of Spanish as a minority language in the USA. It is our aim to introduce translanguaging (GARCÍA; OTHEGUY, 2015; GARCÍA, 2014; GARCÍA; SELTZER, 2016, CANAGARAJAH, 2017) as a linguistic policy of emancipation of the Spanish language in the USA, a country which, according to García and Seltzer (op.cit.), exercises a crucial role in sustaining the status of that language as a global lingua franca. With that in mind, we discuss the concept of linguistic ideologies (DEL VALLE, 2007; GARCÍA, 2007), define what we understand by lingua franca drawing on studies developed for English (COGO; DEWEY, 2012; SEIDLHOFER, 2011; JENKINS, 2015; UR, 2010), and explain what we call Spanish as a Lingua Franca

1 As elaborações que deram origem a este artigo advêm da tese de doutorado de Camilla Pontes (2019), intitulada "Espanhol como língua franca: rompendo barreiras, abrindo caminhos", sob a orientação do co-autor, Sávio Siqueira

2 Professora Adjunta de Língua Espanhola da Universidade Federal da Bahia, Salvador. Doutora em Linguística Aplicada. E-mail: camillasantero_6@hotmail.com

3 Professor Associado de Língua Inglesa da Universidade Federal da Bahia, Salvador. Doutor em Letras e Linguística. E-mail: savio_siqueira@hotmail.com

(SLF), approaching the situation of the language in the aforementioned country. At the end, we argue for translanguaging as a practice that can lead Spanish into the place it indeed deserves in that country and around the world.

Keywords: Spanish; minority language; translanguaging; lingua franca; language ideologies

INTRODUÇÃO

A língua[4] é o veículo para a mundialização das informações (ESTERMANN, 2010), mas como se trata de um veículo governado por sujeitos, a língua não informa simplesmente, mas forma, reforma e deforma. Se a língua intervém nos sujeitos envolvidos na interação, seu uso é uma atividade política que reflete as predileções ideológicas de quem representa (RAJAGOPALAN, 2004). Prova disso são as marcas de políticas imperialistas em línguas internacionais como o espanhol, o francês, o português, o inglês, entre outras. No entanto, esta última avança a passos largos no seu processo de desterritorialização, o que a eleva da condição de língua internacional para a de língua do mundo e não apenas do império.

Há muitas questões que envolvem a constatação do espanhol como língua do mundo, portanto, com função de língua franca global em contextos de comunicação entre falantes de diferentes linguaculturas.[5] Na verdade, há uma fragilidade político-econômica em alguns países de língua espanhola que dificulta o processo, porém, não o impede, e há demandas sociais bem diversas que vão desde conceitos puristas que habitam o imaginário de determinados linguistas e falantes em geral, passando por ideologias linguísticas até chegar à manutenção de estereótipos culturais, todos na contramão do decurso que aparece como consequência de uma outra demanda – a globalização. Há ainda um entrave externo, oriundo de um país que não tem o espanhol como língua materna e que resiste em aceitá-lo como segunda língua – os Estados Unidos da América. Neste artigo, de cunho eminentemente teórico, apresentamos o translingualismo (GARCÍA; OTHEGUY, 2015; GARCÍA, 2009; GARCÍA, 2014; GARCÍA; SELTZER, 2016) como uma política linguística de emancipação da língua espanhola nos EUA, país que, segundo García e Seltzer (op.cit.), é de fundamental importância para sustentar o status do espanhol como uma língua franca global.

Para tanto, definimos o que entendemos por língua franca, a partir dos estudos desenvolvidos para o inglês (COGO; DEWEY, 2012; SEIDLHOFER, 2011; JENKINS, 2015; UR, 2010), e defendemos o espanhol como língua franca (doravante ELF) (PONTES, 2019), apresentando brevemente os fatores alavancadores desta função de língua de comunicação global e seus aspectos dificultadores. Sobre os obstáculos, nos detemos ao papel da língua espanhola nos EUA como sendo uma língua minoritária. Por fim, propomos o translingualismo como uma prática que pode deslocar a língua espanhola do lugar que ocupa atualmente no país em questão, passando da condição de entrave para o reconhecimento do ELF, à condição de realidade favorecedora.

---

4 Embora haja muitas perspectivas para se abordar a língua, neste trabalho, assumimos uma noção de língua como conjuntos de recursos móveis e como repertório linguístico dinâmico (MARQUES, 2018). Esta perspectiva entende língua muito mais como atividade que estrutura propriamente dita. Segundo Pennycook (1994 apud RICENTO, 2000), a língua está nas ações sociais e não é um sistema dado, mas resultado de uma vontade da comunidade.

5 O conceito de linguacultura é utilizado para marcar a completa associação entre língua e cultura.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 267 – 289 | set/dez 2020

1. O ESPANHOL COMO LÍNGUA FRANCA (ELF) E SUAS IMPLICAÇÕES

Diferentemente do espanhol que só agora começa a contemplar a possibilidade de exercer o papel de LF dentro dos moldes atuais, o inglês, não só instituiu o lugar de língua franca global, como o ocupa com a tranquilidade de ter sido a primeira língua a alcançar este patamar, abrindo espaço para o desenvolvimento de pesquisas bastante avançadas na área.

Nesse sentido, Friedrich e Matsuda (2010) afirmam que o inglês como língua franca (ILF) deve ser definido como uma função da língua inglesa e não como uma variedade, como se vislumbrou nos primórdios dos estudos na área específica. Para estes e outros estudiosos do tema, incluindo Penny Ur (2010), distanciando-se da ótica tradicional, a LF é uma língua que emerge na troca comunicativa, na negociação de sentidos, isto é, ela é exclusivamente "uso" e, por este motivo, não é única, tampouco passível de sistematizações. Autoras como Cogo (2012), Seidlhofer (2011) e Jenkins (2014) defendem a possibilidade de se encontrarem regularidades de uso no ILF e concordam com Penny Ur (op. cit), que argumenta a favor de uma LF falada não apenas entre falantes não-nativos, mas igualmente entre nativos e não-nativos.

Importa-nos reconhecer a língua franca como qualquer interação onde o inglês ou o espanhol é uma opção para a comunicação intercultural. Portanto, podemos dizer que a LF, da forma que concebemos, não é uma língua, mas um fenômeno sociolinguístico. Como afirma Gimenez et al. (2015, p. 594), "as interações em ILF /em inglês (nas quais são empregados recursos linguísticos e pragmáticos que tornam a referência a falantes nativos subalterna ao alcance satisfatório de seus propósitos comunicativos) configuram um novo fenômeno sociolinguístico".

O ELF, portanto, surge nos contatos imediatos entre falantes de diferentes linguaculturas maternas, isto é, ele se monta e se desarma inúmeras vezes. E é fundamentalmente nesta fugacidade dos encontros comunicativos que a língua franca de hoje difere da LF dos primórdios. A diferença, portanto, está no processo de formação e na duração de cada contato, porque ainda que os mesmos interlocutores voltem a interagir, a LF já será outra, principalmente porque os falantes já não serão os mesmos da interação passada, posto que o repertório linguístico de cada um é móvel e se modifica a cada encontro. Por esse motivo, a LF tende a apresentar formas de fala inovadoras, adaptadas à interação em questão, o que revela a sua natureza marcadamente híbrida. Sobre o caráter inovador da LF, Cogo e Dewey (2012) afirmam que, entre outros aspectos, tal fenômeno envolve a modificação de recursos linguísticos para servir à necessidade comunicativa particular dos interlocutores, resultando, assim, em inovação lexicogramatical, pragmática e sociocultural. Ainda segundo os autores, a LF não reflete uma versão pré-existente de determinada língua, mas uma infinidade de formas comunicativas possíveis que são ativamente construídas e performadas.[6]

Por isso, tal qual o ILF, o ELF é uso, produto do falante que tem o espanhol como próprio. O falante de espanhol, nativo ou não, que se apropria da língua, que é capaz de pintá-la, enriquecê-la com sua cultura e, por fim, recriá-la em uma situação comunicativa

[6] Não se trata de uma característica exclusiva das línguas que funcionam como língua franca em certos contextos, mas de mais uma característica que unida às demais define o conceito de língua franca.

específica. O usuário do ELF, portanto, revira a língua com a autonomia de quem se empoderou a partir dela. Todas as vezes que a interação exige, o usuário se autoriza a revolver a língua em busca da melhor forma de expressão, e se não a encontra, a inventa, negocia, faz uso de estratégias, sempre com a participação de seu interlocutor. Como já mencionado, ao contrário do que se pensa em relação a uma LF, o ELF não é neutro, simplificado ou esvaziado, mas desterritorializado, simplesmente porque, sob essa ótica, não é propriedade da Espanha, ou da Costa Rica, ou de qualquer outro Estado-nação. Ou seja, o ELF, da maneira que aqui percebemos, é a língua espanhola de todos os falantes nativos e não nativos, ou ainda, é conjunção de todas as línguas espanholas faladas por todos. Ao legitimar o falante, o ELF, por conseguinte, legitima a bagagem cultural que este usuário traz para suas mais diversas interações.

Consoante às palavras de Zaidan (2013) para a realidade do *World English*,[7] se falantes oriundos de diversos países, ou de comunidades linguísticas díspares, realizam um espanhol com traços prosódicos, sintáticos, lexicais, morfológicos múltiplos e, ainda assim, se entendem, é preciso conceber uma teorização pluricêntrica que, embora não possa fazer generalizações, legitime os usos possíveis e não apenas o canônico. Para nós, o ELF responde a esta necessidade pluricêntrica e, como salientado, se apresenta como um fenômeno essencialmente intercultural, que tem como principais características a diferença e a descentralização. Embora o espanhol já seja considerado uma língua pluricêntrica com diferentes centros interligados, cada um com alguma norma que lhe é particular, é preciso ampliar esse sentido de língua pluricêntrica, valorizando a heteroglossia e promovendo uma vasta conexão a partir de seus contextos históricos, políticos, econômicos e culturais. Portanto, uma teorização a partir de uma perspectiva pluricêntrica se torna necessária em uma língua que abriga uma diversidade que compreende desde aspectos da língua em si, até aspectos culturais de uma comunidade vasta e que cresce de forma exponencial.

Segundo López (2007 apud RUPÉREZ; FERNÁNDEZ, 2012), o espanhol é a quarta língua mais falada no mundo, só perde para o inglês, o híndi e o mandarim. É uma das treze "línguas supercentrais" que comprazem o Sistema Global Linguístico concebido por de Swaan (2001). Em número de falantes nativos, o espanhol fica atrás apenas do chinês. Rupérez e Fernández (2012) especulam que, em 2030, 7,5% dos habitantes do mundo falariam espanhol, sendo que, àquela altura, tais números, baseados em dados reais, já revelavam um aumento potencialmente acelerado de falantes do idioma. No entanto, os números atualizados pelo Instituto Cervantes (IC), no ano de 2018, contabilizam 577.246.327 hispanofalantes no mundo, o que representa 7,6% da população mundial.[8] Ou seja, a projeção para 2030 já foi superada. Segundo Fernández (op. cit), mais de 70% das famílias hispânicas residentes nos EUA usam o espanhol em casa. Sobre este informativo do IC divulgado em tantas mídias, nos interessa apenas os números e não as análises feitas a partir desse quantitativo, visto que as afirmações feitas revelam o discurso ideológico da hispanofonia que tem como objetivo favorecer

7 Para Zaidan (2013, p.23), o World English, termo incialmente usado por Rajagopalan (2004), destaca-se pela nomeação do caráter pluricêntrico do fenômeno de difusão do inglês, desatrelando-o da referência anglo-americana.

8 https://elpais.com/cultura/2018/07/03/actualidad/1530619272_823616.html. http://www.rtve.es/noticias/20180703/hispanohablantes-alcanzan-577-millones-todo mundo/1759702.shtml. Acesso em julho de 2018.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 267 – 289 | set/dez 2020

política e economicamente o grupo espanhol. A exemplo disso, temos: "os pontos-chave da 'franca expansão do espanhol', segundo Bueno, são sua homogeneidade e que é internacional e geograficamente compacto".[9] O mesmo acontece com a citação de Rupérez e Fernández (2012, p. 12) sobre a trajetória do espanhol,

> é a história de uma língua que deixou de ser monopólio de seus habitantes originários, precisamente aqueles que deram nome ao idioma, para se transformar em veículo generalizado de comunicação, utilizado por um amplo círculo de povos que encontram no idioma um bom sistema de interlocução, facilidade de entendimento, comodidade expressiva, motivação política e/ou econômica e massa crítica para sua utilização. São esses os elementos que ajudam na identificação de uma língua global, mesmo que o número total dos que a utilizam seja menor que o dos falantes de outras línguas que, paradoxalmente, não transcendem seu caráter local.[10]

A assertiva é verdadeira, coerente com a realidade do uso da língua na era da globalização, consoante com o que defendemos como língua franca e dissonante do objetivo pretendido pelos autores ao fazerem tal afirmação, pois diferentemente da política expansionista patrocinada pelo governo espanhol e seus associados, as consequências do reconhecimento e uso estendido do espanhol com função de língua franca é justamente o contrário do que pretende a chamada política pan-hispânica. O ELF não veicula nenhuma variedade específica, tampouco é a língua de um determinado grupo dominante. Em outras palavras, o ELF não é língua, nem é propriedade exclusiva de um coletivo A, B ou C. O uso da língua em contexto de língua franca está ao alcance de qualquer usuário do espanhol. Se alguém vai lucrar com esse uso, diríamos, que sejam todos os falantes que poderão usar a língua espanhola, ou melhor, as línguas espanholas, ao redor do mundo. Se entre o grupo de favorecidos entra o grupo liderado pelo governo espanhol, nada mais natural, já que o ELF é de todos os seus falantes, incluindo o governo guatemalteco, as empresas telefônicas mexicanas, o grupo de empresários paraguaios, os brasileiros que têm o espanhol como língua adicional, entre tantos outros usuários.

O caminho percorrido pela língua espanhola ao longo de sua história justifica sua condição internacional e fatores como o número de falantes, a pluralidade cultural, sua expansão em países como o Brasil e EUA, por exemplo, são alguns dos elementos que a conduzem ao status de língua franca. O ELF não é apenas uma reação à globalização e um mecanismo intercultural, mas é também uma reivindicação político-linguística que pretende contribuir para o reconhecimento e a devida valorização desta língua em níveis globais. Considerar o espanhol como LF contribui, entre outros aspectos, para a formação de falantes politizados, que sentem a necessidade de se posicionar seja em

9 Las claves de la "franca expansión del español", según Bueno, son "su homogeneidad y que es internacional y geográficamente compacto". Retirado de https://elpais.com/cultura/2018/07/03/actualidad/1530619272_823616.html.

10 Cf. o trecho original: "es la historia de una lengua que ha dejado de ser monopolio de sus hablantes originarios, precisamente aquellos que dieron nombre al idioma, para convertirse en vehículo generalizado de comunicación, utilizado por un círculo amplio de poblaciones que encuentran, en él un buen sistema de interlocución, facilidad de entendimiento, comodidad expresiva, aliciente político y/o económico y, por supuesto, masa crítica para su utilización. Son esos los elementos que ayudan a la identificación de una lengua global, incluso aunque el número total de los que la utilizan sea menor que el de los practicantes de otras lenguas que, paradójicamente, no trascienden su carácter local".

sua língua materna, em sua segunda, terceira ou quarta língua, enfim, em uma língua que seja igualmente sua, não um empréstimo descompromissado para servir a algum tipo de tarefa mais restrita. O usuário do ELF é um cidadão cosmopolita, uma vez que, ao ser atuante socialmente, não ignora o desenrolar do atual processo de globalização e se vale dele para "ganhar o mundo", potencializando, desta forma, as relações interpessoais, interculturais, naturalmente fomentadas entre diferentes linguaculturas.

Entretanto, o reconhecimento e uso estendido do espanhol com função de língua franca, estão condicionados a variáveis que vão desde uma defasagem científica, pois muito pouco da produção acadêmica em língua espanhola é mundializada, passando por questões político-econômicas até chegar às ideologias linguísticas. As atitudes, as crenças e os valores que se tem sobre uma língua são sempre ideológicos e estão ligados a sistemas sociais de poder. Para Irvine (1998 apud GARCÍA, 2007, p. 380),[11] "as ideologias linguísticas representam um sistema cultural de ideias sobre as relações sociais e linguísticas, além dos interesses políticos e morais", ou seja, essas ideologias estão relacionadas às condições socio-históricas, sociopolíticas e socioeconômicas que interferem na produção de significados sociais referentes à língua. Logo, o contexto social pode favorecer ou desfavorecer o interesse por determinada língua.

A noção de ideologia linguística está relacionada à ideia que se tem da língua e aos usos que dela se faz. A língua, portanto, reflete e constrói a ideologia. Os conceitos de purismo, de norma, de monolinguismo, entre tantos outros**,** não são nada mais que uma pressão ideológica, tal qual a interdependência entre língua e identidade nacional, ambos produtos de um sistema colonialista. Na verdade, todos esses conceitos são percepções ideológicas que estão intimamente relacionadas ao que Silverstein (1998 apud BLOMMAERT, 2006, p. 11) chama de ideologia monoglótica, ou seja, a crença de que uma sociedade é de fato monolíngue.

No caso da língua espanhola e de tantas outras, cabe questionar o que é puro, já que todos os espanhois são produtos de contatos linguísticos (PINTO, 2009). Baseado na definição de purismo encontrada no *Dicionário Crítico de Sociolingüística* de Bagno (2017), Lagares (2018, p. 216) afirma que tal conceito seria "uma deriva da ideologia de língua padrão, que naturaliza a relação entre norma padrão e língua". Segundo o autor, o purismo seria uma tentativa de preservar a língua, protegendo-a dos usos que fazem seus próprios falantes. Essa definição de Lagares (2018) é muito representativa por retratar um dos maiores entraves no reconhecimento do espanhol como língua franca, afinal, se a língua é protegida de seus próprios falantes, ela se descaracteriza como língua, pois os usos e funções dados a ela por seus falantes são deslegitimados. Ou seja, o ELF é exatamente a legitimação da língua em função comunicativa, em contexto de língua franca, com inovações que favoreçam cada troca interacional.

Mas em que consiste este purismo ou mesmo a unidade da língua espanhola? Segundo Pinto (2009, p. 84),[12] "a suposta unidade do espanhol se baseia não na real comunicação, mas no caráter impositivo e unificador da normativa". Ainda sobre tal

11 Para Irvine (1998 apud GARCÍA, 2007, p. 380), "las ideologías linguísticas representan el sistema cultural de ideas acerca de las relaciones sociales y linguísticas, además de los intereses políticos y morales".

12 Segundo Pinto (2009, p.84), la supuesta unidad del español se basa no en la real comunicación, sino en el carácter impositivo y unificador de la normativa.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 267 - 289 | set/dez 2020

unidade, Del Valle (2007, s/p)[13] diz que preservá-la significa "garantir a lealdade dos hispanofalantes à norma-culta e a seus guardiães".

Considerando a multiplicidade e complexidade linguística e cultural do espanhol, o que é próprio de qualquer língua com tal perfil, a unidade deveria ser menos perseguida, visto que é a diversidade a característica preponderante desse idioma. E, assim, o fez o maquinário ideológico financiado pelo governo espanhol. Deixaram de perseguir escancaradamente a unidade e tomaram a diversidade como sua bandeira. Ou seja, a antiga metrópole não demonstra nenhum interesse em abandonar a ideologia da língua nacional. Não importa o quão anti-moderna seja a noção de língua nacional, importa manter viva, custe o que custar (muito dinheiro investido em propagandas, linguicídios etc.), a tríade – fruto mais bem-sucedido de uma política linguística – língua, nação, estado. Ainda que o Estado seja formado por todos os países de língua espanhola, a política nacionalista é a mesma, garantindo o controle da Espanha sobre os demais países hispânicos. Não há, portanto, espaço para o reconhecimento do pluralismo linguístico em uma política nacionalista disfarçada de pan-hispânica.

É provável que, além de objetivos político-econômicos, a incessante defesa pela unidade guarde também um desconhecimento das implicações em identificar o espanhol com função de língua franca – muito diferente da "língua franca" vendida pelo governo espanhol, juntamente com a RAE (Real Academia Española), que pretende difundir a variedade do centro-norte peninsular como a língua geral, a língua internacional da hispanofonia.

Como já mencionado, o ELF não é uma língua, mas uma função comunicativa, não a de meramente se fazer entender, mas a de conquistar a aprovação de seu interlocutor, seja para a manutenção da interação, seja para um objetivo mais específico. O conhecimento impreciso do que está sendo desenvolvido atualmente sob o nome de língua franca gera crenças e estereótipos que provocam confusão ao se abordar a possibilidade de o espanhol, assim como o inglês, e guardadas as devidas proporções e idiossincrasias, também assumir a condição de uma língua franca global. Segundo Phillipson (2003 apud TERBORG, ALARCÓN; NERI, 2015), o status do inglês na atualidade é menos determinado por sua função instrumental de comunicação internacional e mais relacionado ao prestígio social que lhe é atribuído. Diz também o autor que o inglês não pode atuar como língua franca porque frequentemente implica trocas assimétricas entre falantes de língua materna e língua estrangeira. Para nós, o argumento de Phillipson (op.cit) carece de algumas imprecisões. Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que a simetria interpessoal é rara e isso não é necessariamente um problema. Na verdade, o infortúnio é justamente acreditar que as trocas simétricas são a regra. Como o próprio nome revela, trata-se de uma troca, uma dinâmica na qual ora um interlocutor ocupará a posição de "comando", seja do turno, do assunto, da língua etc., ora será o outro interlocutor que ocupará este lugar por motivos outros.

Em segundo lugar, a língua franca emerge da interação entre falantes de *lingua-culturas* maternas distintas. Um inglês que está se dirigindo a não nativos de inglês ou

[13] Cf. o trecho original: "…la garantía de la lealtad de los hispanohablantes a la norma culta y a sus guardianes". https://miradassobrelalengua.blogia.com/2007/061102-jos-del-valle-la-lengua-patria-com-n-pol-tica-ling-stica-pol-tica-exterio.php. Acesso em agosto de 2018. Sem paginação.

a nativos de outras variedades, normalmente levado por uma sensibilidade intercultural, modaliza seu discurso para atingir o objetivo comunicativo. Da mesma forma, um mexicano de Tijuana e um argentino da capital são nativos da língua espanhola, mas, por possuírem *linguaculturas* diferentes, se servem de um espanhol com função de língua franca ao se comunicarem.

Em terceiro lugar, é bem verdade que a língua é assegurada pelos papeis que os seus indivíduos falantes desempenham nas relações sociais/globais mais diversas. No entanto, o status adquirido pela língua inglesa nos dias de hoje é indiscutível e não importa tanto encontrar o fator determinante que sustenta o lugar alcançado, interessa-nos saber que tanto sua função instrumental quanto seu prestígio social caminham lado a lado e estão intimamente relacionados.

É fato que o prestígio social de uma língua está relacionado, entre outras coisas, aos estereótipos construídos sobre as culturas de seus falantes. As imagens que se tem dos povos hispanofalantes impactam diretamente nas motivações que justificam a escolha do espanhol, ou qualquer outra língua, como uma língua de comunicação global. Os estereótipos são inevitáveis, pois resultam de nossa capacidade de processar a informação que é fruto da experiência com o "objeto", neste caso, um grupo de indivíduos falante de espanhol como língua materna, ou fruto da aprendizagem com agentes externos. Diante do desconhecido, os estereótipos funcionam como uma "muleta" que dá ao usuário alguma segurança nos primeiros intercâmbios.

Apesar dos seus efeitos nem sempre interessantes, os estereótipos podem ser tanto positivos quanto negativos. Os estereótipos positivos podem provocar em alguém o interesse em aprender determinada *linguacultura*. Mas, também, podem ser extremamente negativos, gerando resistência em se ter contato com tudo o que está relacionado a determinado grupo de indivíduos, incluindo sua língua, sua cultura, suas crenças e valores.

A difícil mutabilidade dos estereótipos formados, e muitas vezes naturalizados, torna-se um grande problema quando se têm construções reducionistas que causam o desinteresse por determinada língua e tudo o que a circunda. Essas simplificações são muitas vezes construídas por meio de agentes externos com fins mercadológicos, uma vez que, gostemos ou não, a língua é um produto altamente rentável a ser comercializado como qualquer mercadoria em um comércio global ultracompetitivo. No entanto, é preciso mais que meras associações imagéticas para vendê-la. Quanto mais se sabe sobre um grupo de indivíduos, menos rotulagens serão feitas. Ou seja, como afirma a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009), o problema dos estereótipos não é propriamente a sua existência, mas o fato de serem sempre incompletos.

Por conseguinte, é necessário pensar sobre que imagem está sendo veiculada globalmente sobre os diversos grupos de espanhol como língua materna, visto que o estereótipo negativo pode desacelerar o processo de instauração do ELF. Entretanto, há também a possibilidade de se utilizar os estereótipos estrategicamente, pois, além de serem mutáveis, eles também podem gerar mudanças e transformar positivamente a imagem que se tem da língua espanhola como um todo, estimulando o interesse por sua aprendizagem e contribuindo, assim, com a atuação do idioma como uma LF global. Afinal, a difusão de uma ideologia translíngue, juntamente com uma política linguística do mesmo viés e campanhas sociopolíticas nacionais, são elementos-chave no estabelecimento do ELF.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 267 – 289 | set/dez 2020

Diferentemente dos obstáculos ideológicos apresentados anteriormente, vale salientarmos que há um entrave externo, oriundo de um país que não tem o espanhol como língua materna e que resiste em aceitá-lo como segunda língua. Estamos nos referindo aos Estados Unidos da América. Em pleno século XXI, o poderoso ator (ou seria autor?) da globalização se fecha em si mesmo, impedindo deliberada e inutilmente o bilinguismo que já há algum tempo adentrou e se instalou em seu território.

Entrando um pouco na história dos EUA, a educação bilíngue foi proibida na Califórnia em 1998, no Arizona em 2000 e em Massachusetts, no ano de 2002, segundo García (2007). A autora afirma que o sistema escolar estadunidense substituiu os programas de educação bilíngue por outros de imersão na própria língua. Por conta disso, o espanhol assume um lugar de língua minoritária naquele país, não pelo número de falantes, mas pelo lugar que ocupa nas hostes da política linguística estadunidense. A campanha pró-bilinguismo mundial e a campanha anti-bilinguismo nacional revelam a ideologia linguística de um país em que habitam mais de 50 milhões de hispânicos, contingente populacional que, atualmente, supera o número de afro-americanos no país, segundo o Census Bureau de 2010. Todavia, o poder demográfico dos hispânicos nos EUA não pode ser ignorado, muito pelo contrário, pode ser a mola impulsionadora de uma política bilíngue verdadeira e legítima, como nos lembra García (op. cit., p. 395)[14], ao afirmar que

> Villa (2000) e Carreira (2002) argumentam que o consumo dos latinos estadunidenses é de aproximadamente 400 bilhões de dólares anuais, três vezes mais que o consumo do resto do mundo hispanofalante. Este maior interesse em vender em espanhol nos EUA pode ser comprovado através do grande aumento de canais de tv em espanhol na última década (...) Inclusive a Univisión é atualmente o canal número cinco nos EUA, depois dos quatro grandes canais que transmitem em inglês – ABC, NBC, CBS y FOX.

É importante observar que, mesmo mantendo uma política nacional monolíngue, as vendas em língua espanhola, cada vez mais, ganham força e espaço no cenário estadunidense. Se os EUA lucram com essa medida, os hispânicos também podem lucrar, exigindo a língua espanhola em outros espaços, como, por exemplo, os acadêmicos. É claro que esta não é uma postura fácil, mas pode ser uma estratégia a ser desenvolvida desde já, considerando a cultura de consumo daquele país e a importância que ostenta um montante populacional que movimenta uma quantia considerável do capital interno.

A pergunta, porém, é se os hispânicos que moram nos EUA estão interessados em tal manobra, e a resposta é que muitos deles, jovens universitários, principalmente, lamentam estarem perdendo a língua dos pais (SOLER-CARBONELL, 2015). Outros jovens vêem no spanglish uma forma de se manifestar contra a imposição do inglês, ainda que os pais hispânicos reprimam esta modalidade discursiva, temendo que seus filhos sejam rechaçados socialmente (SOLER-CARBONELL, op.cit). Sobre os jovens hispânicos que fazem uso do spanglish:

[14] Cf. o trecho original: "Villa (2000) y Carreira (2002) mantienen que el consumo de los latinos estadunidenses es de aproximadamente 400 mil millones de dólares anuales, más del triple del consumo del resto del mundo hispanohablante. Este mayor interés en vender en español en los EE.UU., es expresado en el gran aumento de estaciones de televisión en español en la última década (...) Incluso Univisión llega a ser la cadena número cinco en los EE.UU., después de las cuatro grandes que transmiten en inglés – ABC, NBC, CBS y FOX".

> A nova geração de hispânicos estuda, e os que trabalham depois da escola, segundo Holloway (2005), o fazem não somente para ajudar sua família, mas também para comprar os produtos ofertados pelo mercado. Ao mesmo tempo, esta geração influencia, ou pode influenciar, nas decisões de compra da família. Esses jovens, chamados millenials, representam cerca de 21% da população hispânica nos EUA. Os millenials já são parte da globalização, são educados e ativos; são consumidores de produtos e de cultura; falam espanhol, inglês e outros idiomas, e mantêm sua identidade também como convivência com outras culturas, além de estarem presentes nas redes sociais (BETTI, 2015 apud HERNÁNDEZ SACRISTÁN, 2016, p.75 Tradução dos autores).[15]

Velázquez (2014), em seu estudo no estado de Nebraska (EUA), com 19 famílias hispânicas de primeira geração, observou que a língua espanhola é fortemente conservada por dois motivos. O primeiro é porque as mães ensinam a língua a seus filhos como meio de ensinar-lhes um pouco de sua cultura; os filhos, por sua vez, justificam aprender o espanhol como meio de estabelecer uma ponte, trazendo as notícias de fora para dento do seio familiar. Lima (2018), em sua tese de doutorado sobre o spanglish dos porto-riquenhos, traz relatos de jovens estadunidenses (filhos de porto-riquenhos e dominicanos) que alegam ser a língua espanhola um dos vínculos mais fortes com a cultura de seus antepassados. Segundo esses jovens, falar e entender o espanhol significa manter uma conexão especial e íntima com a cultura de seus pais. Em consonância com Velázquez (2014), Lima (2018, p. 138) observou que,

> Ainda que o inglês seja apreendido como a "língua de prestígio", grande parte dos hispano-falantes reconheceu a importância de preservar e/ou manter a fluência na língua espanhola. Isso ficou muito evidente nas declarações de imigrantes que afirmaram "falar em espanhol" com seus filhos, para que eles não perdessem o contato com a "língua materna".

Na pirâmide etária, não há melhor faixa que a dos jovens para começar uma revolução, implantando uma nova ideologia linguística hispânica em contexto estadunidense – a ideologia do *translingualismo* –, que começa como uma ideologia e é então instaurada como política linguística hispânica em tal contexto. Segundo García (2014), as práticas translíngues compreendem usos discursivos fluidos e complexos que dão voz ao oprimido e às práticas linguísticas minoritárias, como veremos mais adiante.

Ao mesmo tempo em que há ideologias que funcionam como um grande obstáculo no avanço do ELF, há outras que acontecem no mesmo sentido da onda globalizante, surgindo como uma reação natural ao fenômeno. Segundo García (op.cit.), os hispano-falantes estão protegendo seu nicho linguístico para comercializar entre si – peninsulares e latinoamericanos – e entre os 50,6 milhões residentes nos EUA, "assim, o espanhol global vai amealhando um caráter ideológico de mestiçagem, aceitando as diferenças para poder estabelecer a continuidade linguística [...] que o permita obter

[15] Cf. O trecho original: La nueva generación de hispanos estudia, y los que trabajan después de la escuela, según Holloway (2005), lo hacen no solamente para ayudar a su familia, sino también para comprar los productos que el mercado les ofrece. Al mismo tiempo, esta generación influye, o puede influir, sobre las decisiones de compra de la familia. Esos jóvenes, llamados millenials, son aproximadamente el 21 por ciento de todo este grupo poblacional. Los millenials ya son parte de la globalización, son educados y activos; son consumidores de productos y de cultura; hablan español, inglés y otros idiomas, y guardan su identidad también como convivencia con otras culturas, además de estar presentes en las redes sociales.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 267 – 289 | set/dez 2020

vantagem" (GARCÍA, 2007, p. 394)[16]. De acordo com a autora, esta ideologia linguística desloca a relação língua-identidade para a relação língua-economia. No entanto, parece ser mais um deslocamento identitário, no qual a língua estabelece relação com novas identidades, agora globais, onde a questão econômica ganha um novo patamar de importância, onde o indivíduo é muitas coisas, inclusive o que ele consome. Seria, portanto, uma ideologia linguística que vincula a língua a uma identidade megalomaníaca, com grandes ambições, na proporção da era globalizante que vivemos.

Os obstáculos que dificultam o reconhecimento do ELF são relevantes, porém, mais pertinentes ainda são os elementos alavancadores para a validação de tal processo. Há as ideologias que emergem em meio à onda da globalização, há o modelo do inglês como língua franca (ILF), que demonstra práticas bem-sucedidas, mas também insucessos, há ainda dados que demonstram que o ELF já é uma realidade, como os apresentados a seguir:

- Marcos Marín (2006 apud MAR-MOLINERO, op.cit., p. 167) afirma que em quatro anos o uso da língua espanhola na internet duplicou;
- Embora a mídia internacional permaneça predominantemente em inglês, há um número crescente de jornais respeitados e estações de rádio e televisão em espanhol em todo o mundo e, em particular, um número crescente deles está disponível nos EUA (CARREIRA, 2002; MORALES 2001 apud MAR-MOLINERO, op.cit., p. 167);
- Os canais em espanhol , tanto na TV aberta como na fechada, aumentaram enormemente, em especial nos EUA, mas em todo o mundo também (MAR-MOLINERO, op.cit., p. 167);
- O espanhol é a língua do sistema educacional em todos os países em que também é uma língua oficial; e, como observado, é amplamente ensinado em outros lugares como língua estrangeira, particularmente nos Estados Unidos, onde é a primeira língua estrangeira (IC, 2016; AGOSTO, 2006);
- Cada vez mais o espanhol é oferecido em outros currículos secundários em todo o mundo, principalmente no Extremo Oriente (Japão), Austrália e Europa (BUGEL, 2006 apud MAR-MOLINERO, op.cit., p. 167);
- O boom da cultura hispânica nos EUA, Europa e Brasil, incluindo a publicação de livros e música (MAR-MOLINERO, op.cit., p. 167);
- 400 milhões de falantes de espanhol como L1 (IC, 2016);
- Só no Brasil e EUA, existem mais de treze milhões de estudantes de espanhol como língua estrangeira (ELE) (IC, 2016);
- É língua oficial em muitas organizações internacionais (MAR-MOLINERO, op.cit., p.167);
- É língua minoritária nas Filipinas, no deserto do Saara e no Marrocos (AGOSTO, 2006).

16 Cf. o trecho original: "así, el español global va tomando carácter ideológico de mestizaje, aceptando diferencias para poder establecer continuidad linguística [...] que le permita ganar ventaja".

Após discorrermos sobre o conceito de língua franca, bem como o fato do ELF já ser realidade em muitos encontros comunicativos, podemos afirmar que, dentro do que propomos aqui, o ELF funcionaria como um passaporte que permite cruzar fronteiras, transitar livremente por diversos lugares sem violar o que é próprio deste falante/itinerante. A liberdade é tal, que o usuário do ELF pode descobrir em determinado momento que nada lhe era próprio e decidir se reconstituir, apropriando-se de outras práticas, entre elas, a translíngue, a partir das diferentes e mais variadas trocas comunicativas. Mas essa atitude não lhe foi imposta, o movimento passa a ser de dentro para fora, sem violações, sem se subjugar a políticas imperialistas, sem se envergonhar da língua que fala.

2. O ELF SOB UMA PERSPECTIVA TRANSLÍNGUE

Não ter vergonha de usar uma língua que o falante denomina como sua é uma postura de empoderamento que pode se materializar por meio de práticas translíngues, considerando, por exemplo, a situação dos hispânicos em território estadunidense, e pode favorecer o uso do espanhol como língua franca em determinados contextos comunicativos. Nesta seção, apresentamos o que se entende por translingualismo e definimos o que consideramos como uma ideologia translíngue. Em seguida, estabelecemos a relação entre o translingualismo e o ELF, posto que, de acordo com García (2007), romper a barreira imposta pelos EUA é fundamental para a validação do ELF, tendo em vista a quantidade e diversidade de usuários de espanhol nesse espaço de tanta visibilidade e representatividade internacional.

Para García (2014), o translingualismo é a habilidade do falante multilíngue usar seu repertório linguístico para se fazer entender. Não há um único sistema linguístico, mas um conjunto de aspectos linguísticos desassociados de sua língua originária desenvolvido para um fazer sentido translíngue. Segundo a autora, esse repertório linguístico é formado por estruturas desagregadas, ou seja, a gramática mental de um hispânico multilíngue consiste em uma vasta e complexa coleção de aspectos estruturais desconectados (fonético, fonológico, semântico e morfossintático) de uma língua específica como o espanhol, o inglês, o quéchua, o catalão, entre outras. Essa complexa coleção de aspectos estruturais está em constante recopilação a partir dos inúmeros contatos linguísticos do falante. A gramática é externamente marcada pelas convenções socioculturais contingentes. Essas convenções, em certos cenários culturais, transferem alguns dos aspectos complexos da coleção de dados do espanhol e do inglês, em outros contextos, do espanhol e do quéchua, e assim por diante, dependendo da comunidade onde ocorram os contatos.

Sob tais premissas, um aspecto particular lexical ou morfossintático do inglês, do espanhol, do catalão ou do quéchua, por exemplo, não faz parte da competência linguístico-estrutural interna do falante, mas de sua competência de seleção social externa. O falante multilíngue seleciona aspectos de seu repertório linguístico (sem atribuir como sendo oriundo do espanhol ou do catalão), dependendo do contexto, tópico e fatores interacionais. Ou seja, nesse processo, não há duas línguas que são cognitivamente ativadas ou desativadas, mas uma coleção singular de aspectos desagregados que são sempre ativados de acordo com a demanda.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 267 – 289 | set/dez 2020

Ainda para García (2014), o translingualismo não se refere ao uso de duas línguas separadas, nem a uma síntese da prática de diferentes línguas ou a uma mistura híbrida de línguas, mas a práticas linguísticas realizadas por falantes multilíngues que parecem ser indiferentes às atribuições sociais de alguns aspectos para uma língua e de outros para outra língua. Quando línguas mundiais como o inglês e o espanhol atuam em um encontro comunicativo intercultural com função de língua franca, o resultado desta atuação é algo criativo, inovador, híbrido e sem normas pré-existentes. Wei (2011 apud GARCÍA; OTHEGUY, 2015), por sua vez, explica que o espaço translíngue tem seu próprio poder transformador porque está em constante movimento e combina as novas identidades geradas, os valores e as práticas advindos do processo em si[17].

Na visão de García e Otheguy (op. cit.), a abordagem translíngue é um padrão superdiverso de multilingualismo e com uma nova forma multimodal de comunicação no século XXI. Para esses autores, isso significa que o falante multilíngue pode perpetuar suas práticas linguísticas através da inter-relação funcional de aspectos linguísticos que não são ligados a línguas nacionais, até porque estas últimas nunca existiram concretamente, mas apenas no imaginário de um coletivo que se assume membro da nação defendida pelo Estado. Este modelo não dá simplesmente suporte à manutenção da língua (uma língua que não é autônoma nem pura), mas propõe a sustentabilidade da língua – um conceito que é mais que uma tradicional manutenção linguística, pois esta favorece a vergonha linguística, o embaraço, o medo de falar, entre os membros das comunidades multilíngues, resultando, muitas vezes, na mudança de um latino bilíngue a um latino que fala apenas inglês. A sustentabilidade da língua, ainda segundo os autores, se refere à capacidade de resistir (sempre na/pela interação em um contexto social em que os recursos linguísticos são usados) a um contexto abstrato monolíngue. O conceito de sustentabilidade está inserido em condições sociais, econômicas e ambientais nas quais os sistemas de comunicação permanecem diversos e produtivos todo o tempo.

Na realidade, trata-se de uma consciência mais sociocultural que linguística propriamente. Por isso, Canagarajah (2017) cita os recursos semióticos que transcendem o puramente linguístico, transformando as estruturas sociais. O significado do "trans", segundo o autor, reflete práticas móveis e situadas, sensíveis ao espaço social onde acontecem as interações reais. Sendo assim, Canagarajah (op. cit.) considera as práticas translíngues como situadas no espaço e no tempo, acomodando a diversidade e o imprevisível. Em seu artigo sobre as práticas translíngues como um repertório espacial, Canagarajah (op.cit) compara o translingualismo ao estruturalismo para marcar que, enquanto o segundo reconhece o espaço, a materialidade e o ambiente como passivos, inertes e estáticos, o primeiro considera os mesmos fatores como ativos, geradores e agentivos. No translingualismo, portanto, o espaço tem um papel vital porque "é autogerador e autorregulador com as coisas se moldando mutuamente, incluindo os humanos" (CANAGARAJAH, 2017, p. 33. Tradução dos autores).[18]

[17] Poderia ser pensado que se trata de uma característica exclusiva do translingualismo, no entanto, entendemos que fenômenos distintos podem ter características comuns e é o conjunto de características que define o objeto.

[18] Cf. o trecho original: "In this sense its self-generating and self-regulating, with things shaping each other and other beings, including humans".

Ao defender o protagonismo da espacialidade nas práticas translíngues, Canagarajah (2017) amplia a definição de García e Otheguy (2015) estendendo o repertório do falante para além do linguístico. Segundo o autor, o repertório é espacial porque,

> [a]s palavras são significadores móveis localizadas no tempo e no espaço. O modo como elas ganham significado e status gramatical é explicado pelo processo de indexicalidade (Agha, 2003). Isto depende de como as pessoas usam as palavras em atividades situadas em lugares específicos. (...) A indexicalidade é um processo espaço-temporal, pois os significados são sedimentados ao longo do tempo para desenvolver status e normas gramaticais. Entretanto, essas normas precisam ser mantidas abertas à mudança, pois as palavras participam de outras combinações semióticas para construir significado (CANAGARAJAH, 2017, p. 35).[19]

Nessa perspectiva, a língua trabalha com um conjunto de recursos semióticos, artefatos e atividades ambientais em contextos específicos para facilitar o sucesso comunicativo. Considerando que os falantes não realizam práticas translíngues fazendo uso apenas de seu repertório linguístico, mas de um repertório espacial, que não é trazido por ele, mas montado *in loco*, mediante a colaboração dos outros participantes, podemos dizer que o repertório utilizado em uma atividade translíngue extrapola a agência humana, porque é constituído por inúmeros outros fatores, além do linguístico, que emergem e atuam na atividade situada. Segundo Canagarajah (op.cit.), os recursos semióticos, que fazem parte do repertório espacial, não são compensatórios, nem complementares ou periféricos, mas cruciais para conjugar forma e significado social durante as interações. Trata-se, desta forma, de recursos performativos que geram significados em atividade. Como aponta o autor,

> [r]epertórios espaciais são possibilidades de comunicação engenhosa por meio de realocação estratégica. Pode-se também resistir às normas territorializadas de lugares delimitados, construindo espaços alternativos que acomodem a diversidade, (...). A realocação pode acomodar uma agência humana qualificada, ao mesmo tempo em que dá ao repertório espacial uma significância considerável na construção de significados (CANAGARAJAH, 2017, p. 50).[20]

Com isso, queremos, em consonância com Canagarajah (2017), ampliar o conceito de repertório do falante no translingualismo, passando do exclusivamente linguístico para o extensivamente espacial. Muito mais do que acomodar recursos verbais diversos, a prática comunicativa translíngue implica a acomodação de recursos outros que ultrapassam o binarismo texto/contexto e transgridem os limites sociais (CANAGARAJAH, 2017, p. 52).

---

19 Cf. o trecho original: "Words are mobile signifiers located in space and time. How they gain meaning and grammatical status is explained by the processes of indexicality (Agha 2003). This depends on how people put words to use in situated activity in specific locations. Indexicality is a spatiotemporal process, as meanings sediment over time to develop grammatical status and norms. However, these norms have to be kept open to change as words participate with other semiotic assemblages to construct meaning".

20 Cf. o trecho original: "Spatial repertoires are affordances for resourceful communication through strategic emplacement. One can also resist the territorialized norms of bounded places by constructing alternate spaces that accommodate diversity, (...). Emplacement can accommodate a qualified human agency, while it gives spatial repertoires considerable significance in meaning construction".

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 267 – 289 | set/dez 2020

3. O TRANSLINGUALISMO COMO POLÍTICA LINGUÍSTICA

Em uma situação de bilinguismo ou multilinguismo translíngue, o falante possui, segundo García e Otheguy (2015), um repertório linguístico formado por estruturas que já não pertencem a uma língua ou outra, mas ao falante e apenas a ele. Essa definição se assemelha ao conceito de apropriação linguística, requisito para o uso do ELF, pois é preciso se apropriar da língua para poder fazer manobras com ela, como simplificações, reduções[21], generalizações e reformulações em geral. No entanto, não acreditamos que tal repertório linguístico seja totalmente desassociado das línguas nacionais originárias, visto que se o falante multilíngue que realiza práticas translíngues observa que não foi compreendido, ele vai reformular o que foi dito, buscando modificar a estrutura que ele identificou como sendo causadora do não entendimento por parte de seu interlocutor. A tentativa de buscar em seu repertório uma forma de substituir o que ele julgou problemático demonstra que ele sabe a origem do recurso linguístico antes utilizado. Claro é que as escolhas por determinados recursos linguísticos não são baseadas na língua x ou y, mas na demanda da troca comunicativa e na gama de recursos – incluindo os não linguísticos – que o falante dispõe em seu dispositivo mental. Portanto, entendemos que a dissociação é parcial, no que se refere às estruturas que agora fazem parte do repertório do falante, mas que são oriundas de suas línguas outras.

Assim como Canagarajah (2017), consideramos que as práticas translíngues transcendem as línguas autônomas, ou seja, vão além delas, sem se basear em uma ou outra, mas fazendo uso de todas, que contribuíram/contribuem para o que hoje é o repertório do falante, a partir da necessidade comunicativa situada. Transcender as línguas tidas como nacionais ou autônomas não apaga sua existência, ainda que seja no imaginário do falante que se sente membro de determinado Estado. É bem verdade que o movimento ocasionado pelas práticas translíngues parece levar os falantes ao uso cada vez menor dessas línguas, mas este é um processo longo. Por agora, cabe-nos demonstrar o importante papel do translingualismo no reconhecimento do ELF. Podemos dizer que em um *continuum* histórico das práticas linguísticas, estamos caminhando/evoluindo para interações cada vez mais híbridas e o ELF se insere nesta linha do tempo como um passo a mais rumo às práticas translíngues globais, porque saímos de um espaço rígido, engessado e repleto de normas, para outro mais fluido, com menos normas determinísticas e mais normas momentâneas, negociadas e vigentes enquanto a interação acontece.

Posto isso, e dando continuidade à definição de translingualismo aqui discutido, concordamos com García e Otheguy (2015) que a prática translíngue de bilíngues hispânicos não é o produto de uma aquisição incompleta ou simplesmente *code-switching*[22]. Validamos a situação de contato linguístico como parte do processo de translingualismo, afinal, não é possível prescindir da situação de imersão do hispânico em território estadunidense. No entanto, a partir do ponto de vista do translingualismo, o contato do espanhol com o inglês nos EUA não resulta na prevalência de uma das

21 Por redução, entendemos o aumento da regularidade ou a diminuição do traço linguístico mais marcado.

22 Code-switching: quando o falante se comunica alternando o código linguístico, ou seja, em sua fala há uma mistura de diferentes línguas ou de diferentes variedades da mesma língua.

línguas em contato, tampouco na mistura de ambas, mas na apropriação dos códigos, formando um sistema linguístico singular do falante. Por este motivo, não é passível de padronização. Esse sistema linguístico do falante multilíngue é acionado de acordo com a necessidade interacional do contexto social em que ele se encontra, ou seja, trata-se de uma consciência sociocultural e não uma língua *per se*. O falante multilíngue de práticas translíngues vê as diversas interações sob uma ótica diferenciada se comparada à visão do falante que se define monolíngue. Além disso, a seleção dos aspectos linguísticos a serem utilizados em determinado contexto por esses usuários é feita estrategicamente com a finalidade de se comunicar de forma efetiva.

Uma vez que se trata de uma consciência sociolinguística e consequentemente política, o translingualismo, sob a perspectiva que aqui defendemos, emerge como uma ideologia linguística performática, envolvendo dimensões da história pessoal do falante, dos ambientes experimentados, de suas atitudes e crenças, bem como de sua capacidade cognitiva e física (WEI, 2011 apud GARCÍA; OTHEGUY, op.cit). Afirmar que uma ideologia é performática pode soar redundante porque todas as ideologias, ao mesmo tempo em que são fruto da interpretação social, também impelem o indivíduo a agir baseado em tal interpretação. Portanto, a performance faz parte da ideologia (ato linguístico/performático). Todas as constituições do sujeito falante intervêm em sua prática interacional translíngue. Uma ideologia linguística translíngue, como já pontuado, está centrada no falante e não nas convenções sociais; por isso, o sujeito tem autonomia para usar sua língua, sem as determinações de um suposto monolinguismo.

A implantação de uma educação translíngue nos EUA apresentada por García e Seltzer (2016) é, na nossa ótica, uma possível solução para se dar voz ao hispânico dos EUA e deslocar sua língua de uma posição minoritária, já que a prática translíngue se opõe à dominação de uma única língua sobre as demais. Um educador que opera a partir da visão translíngue está centrado no aprendiz e tem, desse modo, uma visão desagregada da competência linguística[23] e uma perspectiva translíngue das práticas multilíngues. Inspirado pela ideologia translíngue, o educador aproveita absolutamente todas as estruturas emergentes no dia a dia de sala de aula e as celebra como estruturas válidas. Tal prática não nega reconhecer que há momentos em que estas estruturas, em alguns círculos, em alguns contextos, serão menos validadas.

Como já pontuado, o ELF, assim como todo produto resultante das relações sociais, não está isento de ideologia. Deste modo, defendemos que a ideologia translíngue se coaduna com a prática do ELF, posto que (i) ambas partem de uma consciência sociocultural, (ii) a primeira contribui com o estabelecimento do espanhol como língua franca global, já que fortalece o papel dos hispânicos e suas línguas em contextos

[23] Ressaltamos que uma visão desagregada da competência linguística não desconsidera aspectos linguísticos, como pode ser visto neste mesmo parágrafo, quando relatamos que "um professor translíngue aproveita todas as estruturas linguísticas emergentes...", e/ou alguns parágrafos acima, quando mencionamos que, segundo García (2014): "... esse repertório linguístico é formado por estruturas desagregadas, ou seja, a gramática mental de um hispânico multilíngue consiste em uma vasta e complexa coleção de aspectos estruturais desconectados (fonético, fonológico, semântico e morfossintático) de uma língua específica...". Ou como citaram García e Otheguy (2015, p. 652): "... Educators operating under a speaker-centered view of Hispanic bilingualism, a disaggregated view of linguistic competence, and a translanguaging of bilingual practices, inspired by a heteroglossic ideology, would do much more".

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 267 - 289 | set/dez 2020

como os aqui descritos e (iii) ambas validam todos os recursos emergentes *in situ*, e não somente os linguísticos, como úteis para se alcançar o êxito comunicativo.[24]

4. O TRANSLINGUALISMO COMO CATALISADOR DO ELF NOS EUA

Apesar de os hispânicos nascidos e radicados nos EUA movimentarem a economia local de forma expressiva e serem a população "imigrante" mais numerosa, superando inclusive as comunidades afro-americanas, ainda que a ANLE (Academia Norte-Americana de Língua Espanhola) se intitule defensora do reconhecimento e validação da língua espanhola nos EUA, o espanhol ocupa um lugar de língua minoritária no país – minoritária-majoritária. Segundo Torres (2016, p. 132).[25]

> De acordo com o U.S. Census Bureau de 2015, a população hispânica em 2014 alcançou a cifra de 55,4 milhões (17,4% do total dos EUA), com um aumento de 1,2 milhões (2,1%) desde o ano anterior (KROGSTAD; LOPEZ, 2015). Na Califórnia, o estado mais povoado (38,8 milhões) e mais rico da União, a população que se define como latina (14,99 milhões) supera a branca não latina (14,92 milhões), segundo o mesmo censo. Depois da Califórnia vem o Texas, com 10,4 milhões de latinos, e Flórida, com 4,8 milhões. A média de idade geral da comunidade latina dos Estados Unidos era, em 2014, de 29 anos (...).

Este contingente populacional, que, mais que ocupar o espaço, atua sobre ele, principalmente na realização de serviços base para a comunidade em geral, continua marginalizado. Um exemplo disso é que não há investimento no ensino de espanhol em programas bilíngues e quando isso acontece é quase sempre como língua estrangeira, em geral no contra-turno das aulas nas escolas e universidades, sendo poucas vezes na semana e com uma pedagogia de favorecimento do inglês como língua dominante.

É importante destacar que, apesar de toda essa falta de incentivo por parte do governo estadunidense, a demanda pelo ensino bilíngue cresce não só devido ao contingente hispânico nos espaços educacionais, mas como exigência do mercado de trabalho:

> Embora o inglês ainda seja a língua dos negócios e de ascensão social, a procura pelo ensino de espanhol como segunda língua pelos anglo-estadunidenses tem crescido, assim como a oferta de trabalho para aqueles que tenham ao menos um curso básico de espanhol no currículo. Como afirma Lipski (2007), o espanhol é, de fato, a segunda língua dos Estados Unidos. Nos colégios e universidades norte-americanos, o espanhol é a língua "estrangeira" (LE) mais estudada e, no geral, há mais estudantes de espanhol como segunda língua (SL) do que de todas as demais

---

24 Não queremos com isso afirmar que o êxito comunicativo é a única possibilidade, mas destacar que os recursos emergentes são úteis para se alcançar o objetivo interacional desejado, ou seja, os recursos linguísticos e não-linguísticos funcionam como ferramentas (instrumentos) para se chegar a determinado fim.

25 Cf. O trecho original: Según las estimaciones del U.S. Bureau que se dieron a conocer a finales de junio de 2015, la población hispánica alcanzó en 2014 la cifra de 55,4 millones (17,4% del total de los Estados Unidos), con un incremento de 1,2 millones (2,1%) desde el año anterior (KROGSTAD; LOPEZ, 2015). En California, el Estado más poblado (38,8 millones) y más rico de la Unión, la población que se define como latina (14,99 millones) supera a la blanca no latina (14,9 millones), de acuerdo con el mismo censo. A California le siguen Texas, con 10,4 millones de latinos, y Florida, con 4,8 millones. La media de edad general de la comunidad latina de los Estados Unidos era, en 2014, de 29 años (…).

> línguas juntas. Além disso, muitas atividades profissionais oferecem aumentos de salário e outras condições favoráveis para os funcionários que saibam se comunicar em espanhol. (FERREIRA, 2016, p.58)

Afora o atestado crescimento da língua espanhola nos EUA que ganha espaço à revelia da própria política linguística do país, relatos como o apresentado a seguir demonstram o peso da campanha monolíngue estadunidense na mentalidade hispânica.

> (...) percebi que algumas funcionárias do aeroporto comunicavam entre si em espanhol. No entanto, quando me aproximei para pedir informações, rapidamente alternaram para a língua inglesa. Ao questionar se podia me comunicar com elas em espanhol, todas me disseram "não!" (LIMA, 2018, p.99).

A autora atribui a negativa das funcionárias do aeroporto a uma necessidade das pessoas de origem hispânica residentes nos EUA em demonstrarem sua proficiência na língua inglesa. Pode ser que seja isso, mas por trás dessa necessidade de afirmar que domina o inglês, há a ideologia do *English Only* incrustada no inconsciente desse forasteiro que luta diariamente para salvaguardar o que o define como indivíduo.

Neste contexto de desvalorização da língua espanhola e da comunidade hispânica, de opressão ao uso do espanhol, pressionando a todos com o movimento do *English only*, o translingualismo surge como uma ideologia linguística que, ao ser posta em prática, dá base à política linguística não só dos hispânicos, mas dos asiáticos, chineses, russos, entre tantos outros povos que residem nos EUA. Este país parece caminhar no sentido oposto à onda da globalização, pois ainda mantêm muitos dos atributos do estado-nação. As elites institucionais estadunidenses, junto a outros grupos, se posicionam abertamente contrárias a que as outras línguas ocupem o espaço público. Como afirma Wright (2004), trata-se de um desenvolvimento assimétrico, com um protecionismo acirrado de um lado (EUA) e livre comércio do outro. Mais uma vez, destacamos que o problema não está na assimetria em si, mas na violação de direitos, no apagamento de identidades e na política de dominação-exploração realizada pelos EUA.

Parece haver duas globalizações, uma por conveniência e outra por sobrevivência. A primeira cabe aos Estados Unidos que só participa do processo quando é vantajoso; a segunda cabe aos demais países, que se modificam e se adequam às novas tendências para não sucumbirem ilhados. Vale ressaltar que a posição de "globalização por sobrevivência" não nos coloca necessariamente na condição de vítimas, pois a adesão, seja ela espontânea ou compulsória, ao fenômeno pode ser benéfica se é aproveitada estrategicamente para promover o mercado interno, investir nos serviços de assistência social, criar contra-discursos etc. Nesse sentido, nos aproximamos do que apresenta Pennycook (1994) para o inglês, pois tanto a globalização quanto a língua inglesa podem ser instrumentalizadas pelo sujeito que se apropria da língua e/ou da dinâmica do processo globalizante.

O ELF, com sua ideologia translíngue, pode desestabilizar as bases sobre as quais os EUA com seu *English only* se assentam. Ao assumir o translingualismo como ideologia, o falante exigirá e propiciará espaços translíngues, comportando-se como um falante multilíngue nas mais diversas interações, sem sucumbir às convenções sociais que tolhem a capacidade criativa e crítica do interlocutor. Atuar nos encontros sociais por meio de práticas translíngues implica reformular o discurso quantas vezes forem

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 267 – 289 | set/dez 2020

necessárias sem sentir medo de sofrer algum tipo de rechaço ou vergonha por ser um multilíngue capaz de criar novas formas de comunicação, isto é, sem reduzir sua performance a uma prática monolíngue, ainda tão preponderante na mentalidade da ala dominante daquele país.

A criação dos espaços translíngues vai desde interações informais até espaços educacionais, ambiente estratégico na instauração do translingualismo como política linguística, pois formará novos falantes multi/bilíngues com práticas translíngues. Um educador com uma visão translíngue conduz suas aulas a partir de uma pedagogia centrada no aprendiz falante de outra língua que não o inglês (no caso do contexto que estamos tomando como exemplo), desconstruindo o imaginário de que só o nativo realiza práticas linguísticas legítimas, bem como a ideia de que a "segunda língua" compete com a "primeira língua". García (2011 apud GARCÍA; SELTZER, 2016) dá o exemplo de uma criança hispânica de cinco anos que está lanchando na escola com um colega não hispânico da mesma idade e, ao ver que está chovendo, diz: *Está lloviendo*. Por observar que o colega não entendeu, ela reformula: *It's washing*.

Em uma pedagogia translíngue, essa realização não é recriminada, mas comemorada, pois não se trata simplesmente de uma mistura de línguas, mas da construção de um repertório dinâmico bilíngue. Neste processo de formação de seu repertório particular, as crianças também aprendem as diferenças sociais entre os aspectos linguísticos adquiridos. Por isso, a prática translíngue é muito mais uma consciência sociolinguística, uma performance, e não uma consciência linguística – competência. Ainda segundo García e Seltzer (op.cit.), a pedagogia translíngue se refere à mobilização estratégica de todo o acervo linguístico do falante para aprender e desenvolver seu repertório e, ao mesmo tempo, trabalhar para a concretização de uma justiça social por meio da igualdade de posições de todos os aprendizes.

Considerando a ideologia translíngue como base de uma política linguística que promova a emancipação do povo hispânico nos EUA, bem como o reconhecimento e valorização de sua língua, podemos associar tal prática à defesa do uso do ELF, posto que, o respaldo demográfico já está garantido e o econômico, logicamente, pode vir, entre outras medidas, por meio do fortalecimento das comunidades hispânicas naquele país. Como dito anteriormente, embora García e Otheguy (2015) defendam as práticas translíngues como completamente desassociadas das línguas autônomas, como o espanhol e o inglês, por exemplo, vemos esta dissociação de forma parcial. Logo, o falante hispânico multilíngue desenvolve uma consciência translíngue, na qual não existe a dicotomia primeira/segunda língua porque, nesse processo, não há dois lugares, mas um único. Ele se desprende de uma postura monolíngue – neste caso, o inglês –, se apropria de uma prática linguística e social que lhe permite usar a língua que ele tem igualmente como sua, adaptando-a as mais diversas situações. Mais ainda, o translingualismo não ameaça o uso da língua espanhola, pelo contrário, empodera o falante da língua a atuar sem se sentir inferior a seu interlocutor, principalmente porque, à medida que ele trafega livremente por práticas translíngues, ele molda não só o espaço onde ocorrem as interações, mas também os indivíduos nelas envolvidos, incluindo seu interlocutor.

5. CONCLUSÃO

Como visto, buscamos fornecer uma breve discussão de alguns conceitos básicos para o esquadrinhamento do lugar que a língua espanhola ocupa (ou deve ocupar) na atualidade – o lugar de uma língua que atua como língua franca em certos contextos. Para tanto, dissertamos acerca das principais questões implicadas no reconhecimento do ELF e demos especial importância ao translingualismo como uma política linguística que pode mudar a condição do espanhol como língua minoritária nos Estados Unidos. Afinal, as práticas translíngues são ações eficazes na desconstrução e transformação de juízo de valores, pois o sujeito se exercita a ler tudo e todos como algo potencialmente positivo.

Tal visão condiciona a atuação desse falante intercultural com uma prática translíngue de modo que o espaço (e os ocupantes deste espaço) em que ele opera reage quase sempre de forma favorável a sua ação. Esse falante, na prática, é um indivíduo que se despoja de certos imperativos sociais de uma cultura monolíngue para se entregar ao evento comunicativo e ao que dele emerge, entendendo que, durante a troca, os papeis são intercambiáveis, as reformulações são necessárias e a atenção em seu interlocutor é imprescindível para adequar o discurso, quando assim for preciso.

Em suma, nos dias de hoje, ao utilizar a língua como um bem global, o falante é impelido a posicionar-se cada vez mais como um cidadão intercultural e as práticas translíngues se somam a toda essa conscientização sócio-cultural como a performance linguística do bilíngue, do multilíngue e/ou do falante de espanhol como primeira língua que o usa com função de língua franca em eventos comunicativos compartilhados com falantes de diferentes *linguaculturas*. Em outras palavras, o translingualismo é aqui apresentado como uma política linguística propícia ao fortalecimento do espanhol nos EUA em especial, posto que a situação da língua naquele país influencia diretamente o estabelecimento do espanhol como LF nos moldes que aqui defendemos. São teorizações que, temos certeza, já se materializam de forma contundente em vários espaços daquela sociedade. O grande desafio, acreditamos, é legitimá-las e a elas dar a importância que, de fato, elas têm que ter.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 267 – 289 | set/dez 2020

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. The danger of a single story. TED Talk. (2009). Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=en>. Acesso em: fev. 2018.

AGOSTO, S. E. El español, uno y diverso. (2006). Disponível em: <http://www.unidadenladiversidad.com/opinion/opinion_ant/2006/nov_dec_06/opinion_ dic_06.htm>. Acesso em: abr. 2018.

BLOMMAERT, J. Language Policy and National Identity. In: RICENTO, T. (Org.). **An Introduction to Language Policy.** Theory and Method. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. pp. 238-254.

CANAGARAJAH, S. Translingual practice as spatial repertoires: expanding the paradigm beyond structuralist orientations. **Applied Linguistics**, v. 1, n. 39, pp. 31-54, 2017.

COGO, A. ELF and super-diversity: a case study of ELF multilingual practices from a business context. **Journal of English as a Lingua Franca**, pp. 287-313, 2012.

COGO, A; DEWEY, M. **Analysing English as a Lingua Franca:** a corpus-driven investigation. London, GB: Continuum, 2012.

DEL VALLE, J. (2007). La lengua, patria común: Política lingüística, política exterior y el post-nacionalisno hispánico. Disponível em: <https://miradassobrelalengua.blogia.com/temas/pol-ticas-ling-sticas-y-culturales/>. Acesso em: maio 2018.

EL ESPAÑOL: una lengua viva. Informe 2014. Disponível em: <https://cvc.cervantes.es/lengua/espanol_lengua_viva/pdf/espanol_lengua_viva_2014.pdf>. Acesso em: jun. 2017.

EL ESPAÑOL: una lengua viva. Informe 2016. Disponível em: <https://cvc.cervantes.es/lengua/espanol_lengua_viva/pdf/espanol_lengua_viva_2016.pdf>. Acesso em: ago. 2017.

ENNIS, S. R.; RÍOS-VARGAS, M.; ALBERT, N. G. **The Hispanic Population:** 2010 Census Briefs. Disponível em: <http://www.census.gov/prod/cen2010/briefs/c2010br-04.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2018.

DE SWAAN, A. **Words of the World:** The Global Language System. Cambridge: Polity Press, 2001.

ESTERMANN, J. **Interculturalidad:** Vivir la diversidad. La Paz: Instituto Superior Ecuménico Andino de Teología, 2010.

FERREIRA, L. D. S. **Reflexos paralelos:** Desdobramentos identitários da representação hispânica nos Estados Unidos. 2016, 160f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, BA, 2016.

FRIEDRICH, P.; MATSUDA, A. When five words are not enough: a conceptual and terminological discussion of English as a lingua franca. **International Multilingual Research Journal**, v.4, n.1, pp. 20-30, 2010.

GARCÍA, O. Lenguas e identidades en mundos hispanohablantes: desde una posición plurilingüe y monoritaria. In: LACORTE, M. (ed.). **Lingüística aplicada del español**. Madrid: Arco, 2007. pp. 377-400.

GARCÍA, O. U.S. **Spanish and Education:** Global and Local Intersections. Global Review of Research in Education, v. 38, n. 1, pp. 58-80, 2014.

GARCÍA, O.; OTHEGUY, R. Spanish and Hispanic bilingualism. In: LACORTE, M. (ed.). **The Routledge Handbook of Hispanic Applied Linguistics**. New York, NY: Routledge, 2015. pp. 639-658.

GARCÍA, O.; SELTZER, K. The Translanguaging current in language education. In: KINDENBERG, B. (ed.). **Flerspråkighet som resurs** [Multilingualism as a resource]. Liber, 2016. pp. 19-30.

GARCÍA, O.; WEI, L. Translanguaging, bilingualism and bilingual education. In: WRIGHT, W.; BOUN, S.; GARCÍA, O. (ed.). **Handbook of Bilingual Education**. Malden, MA: John Wiley, 2015. pp. 223-240.

GIMENEZ, T. et al. Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 15, pp. 593-619, 2015.

HERNÁNDEZ SACRISTÁN, C. Spanglish: reflexiones sobre un espacio semiótico transicional y sus dimensiones, con particular atención al discurso publicitario. In: BETTI, S; SERRA ALEGRE, E. (Org.). **Nuevas voces sobre el spanglish: una investigación polifónica.** Nueva Iorque: ANLE, 2016. pp. 65-79.

HISPANOHABLANTES alcanzan 577 millones en el mundo. Disponível em: <http://www.rtve.es/noticias/20180703/hispanohablantes-alcanzan-577-millones-todo mundo/1759702.shtml>. Acesso em: jul. 2018.

JENKINS, J. **English as a Lingua Franca in the International University** - The politics of Academic English Language Policy. New York/London: Routledge, 2014.

JENKINS, J. Repositioning English and multilingualism in English as a Lingua Franca. **Englishes in Practice**, v. 2, n. 3, pp. 49-85, 2015.

LAGARES, X. C. **Qual política linguística?** desafios glotopolíticos contemporâneos. São Paulo: Parábola, 2018.

LIMA, T. C. G. de. O Spanglish e os Nuyoricans: identidades em (re) construção.2018, 245f. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, RJ, 2018.

MAR-MOLINERO, C. The spread of global spanish: From Cervantes to reggaetón. In: COUPLAND, N. (ed.). **The Handbook of Language and Globalization**. Oxford, UK: Wiley-Blackwell, 2010. pp. 162-181.

MARQUES, A. N. **Práticas Translíngues e colaborativas em um curso de inglês**. 2018, 262f. Tese de Doutorado (não publicada) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2018.

MAURANEN, A. Conceptualising ELF. In: JENKINS, J; BAKER, W.; DEWEY, M. (ed.). **The Routledge Handbook of English as a Lingua Franca**. Abingdon, UK: Routledge, 2018. pp. 7-24.

PENNYCOOK, A. **The cultural politics of English as an international language.** New York: Taylor & Francis, 1994.

PINTO, C. F. Los criterios sintácticos en la división dialectal del español. In: PINTO, C.F.; IRALA, V.B (Org.). **Um dossiê de estudos linguísticos hispânicos**. São Paulo: Casa do Novo Autor Editora, 2009. pp. 61-97.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 267 – 289 | set/dez 2020

PONTES, C. G. S. **O espanhol como língua franca:** rompendo barreiras, abrindo caminhos. 2019, 190f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2019.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica:** linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2004.

RICENTO, T. Historical and theoretical perspectives in language policy and planning. Journal of Sociolinguistics, pp. 196-213, 2000.

RUPÉREZ, J.; FERNÁNDEZ, F. D. **El español en las relaciones internacionales**. Ariel: Fundación Telefónica, 2012.

SEIDLHOFER, B. **Understanding English as a Lingua Franca.** Oxford, UK: Oxford University Press, 2011.

SOLER-CARBONELL, J. La valoración del español entre estudiantes hispanohablantes universitarios del sur de California: globalización e ideologías lingüísticas sobre el multilingüismo. In: TERBORG, R.; ALARCÓN A.; NERI, L. **Lengua española, contacto lingüístico y globalización**. Universidad Nacional Autónoma de México, 2015. pp. 389-416.

TERBORG, R.; ALARCÓN A.; NERI, L. **Lengua española, contacto lingüístico y globalización**. Universidad Nacional Autónoma de México, 2015.

UR, P. English as a Lingua Franca: A Teacher's Perspective. **Caderno de Letras (UFRJ),** n. 27, pp. 85-91, 2010.

VELÁZQUEZ, I. Maternal perceptions of agency in intergenerational transmission of Spanish: The case of Latinos in the US Midwest. **Journal of Language, Identity & Education**, 13(3), pp.135-152, 2014.

WRIGHT, S. Language in a Postnational Era: Hegemony or Transcendence? In: WRIGHT, S. **Language Policy and Language Planning:** from Nationalism to Globalization. New York: MACMILLAN, 2004. pp. 157-178.

Ya somos 577 millones de hispanohablantes. El PAÍS. Disponível em: https://elpais.com/cultura/2018/07/03/actualidad/1530619272_823616.html. Acesso em julho de 2018.

ZAIDAN, J. C. S. de M. **Por um inglês menor:** A desterritorialização da grande língua. 2013, 241f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013.

Recebido em 28/04/2020
Aceito em 31/08/2020